

Crônica de um nascimento prorrogado: tendências do romance acadiano desde 1980

Jean Morency

Tradução de Nubia Jacques Hanciau

Resumo: Na Acádia, como em outras pequenas coletividades caracterizadas pela exiguidade e fragilidade, a ascensão ao que Gilles Lipovetski (2004) denomina de hipermodernidade está em vias de modificar profundamente a relação com as formas tradicionais da cultura. Ela parece até mesmo precipitar o fim do livro, antes mesmo que ele seja realmente afirmado, desconstruindo-o no exato momento em que se elabora. Tomando por exemplo o romance quebequense, do qual se diz muitas vezes ter feito a economia da modernidade, saltando quase sem transição da tradição à pós-modernidade, o romance acadiano leva-nos a ver, embora rapidamente, a passagem que conduz do discurso tradicional, vivamente contestado pelos poetas urbanos dos anos 1970 e 1980, à pós-modernidade, esta última encarnada pelos romances de France Daigle e Jean Babineau, aqui estudados. Tal aceleração parece-me traduzir uma crise profunda do romance na sociedade acadiana contemporânea, ainda mais que essa passagem acelerada da tradição à pós-modernidade acompanha-se da pré-ciência e da constatação de uma impossibilidade do romance. Proponho, no texto a seguir, pincelar um quadro do romance na Acádia desde 1980, quadro que leva em conta os obstáculos estruturais e conjunturais que contribuíram para frear e impedir a emergência do gênero romanesco naquela região. France Daigle e Jean Babineau destacam-se nesse contexto particular.

Palavras-chave: romances acadianos; condições de produção; romances de France Daigle; romances de Jean Babineau; identidade acadiana.

Abstract: This article traces the history of novels published in Acadie between 1980 and 2007. The article begins by outlining the way fiction production evolves during this period and describing certain significant characteristics, such as the prominence of historical novels and the place of experimental novels. In the second part, it catalogues the various structural and contingent obstacles that hinder the publication of Acadian fiction: Acadie's small population, the marginal status of the Acadian novel in curricula, the predominance of poetry, the crisis of the novel in general. The third part of the article is a study of the work of two contemporary novelists, France Daigle and Jean Babineau, who deal with this particular context of production, as well as with the redefinition of Acadian identity taking place.

Key words: Acadian novels; production conditions; novels by France Daigle; novels by Jean Babineau; Acadian identity.

Résumé: En Acadie, comme dans les autres petites collectivités caractérisées par l'exiguïté et la fragilité, l'accession à ce que Gilles Lipovetski (2004) nomme l'hypermodernité est en voie de modifier profondément le rapport qui est entretenu avec les formes traditionnelles de la culture. Elle semble même y précipiter la fin du livre, mais avant même que ce dernier se soit réellement affirmé, le déconstruisant au moment même où il est en train de s'élaborer. À l'instar du roman québécois, dont on dit souvent qu'il a fait l'économie de la modernité, sautant presque sans transition de la tradition à la postmodernité, le roman acadien nous donne à voir, mais en accéléré, le passage menant du discours traditionnel, vivement contesté par les poètes urbains des années 1970 et 1980, à la postmodernité, cette dernière étant incarnée par les romans de France Daigle et Jean Babineau. Cette accélération me semble traduire une crise profonde du roman dans la société acadienne contemporaine, d'autant plus que ce passage accéléré de la tradition à la postmodernité s'accompagne de la prescience, voire du constat, d'une impossibilité du roman. Je me propose donc, dans le texte qui suit, de brosser un tableau du roman en Acadie depuis 1980, tableau faisant état des obstacles structurels et conjoncturels qui ont contribué à freiner, voire à empêcher, l'émergence du genre romanesque en Acadie. Je me propose aussi de présenter deux romanciers contemporains, France Daigle et Jean Babineau, qui sont tenus de composer avec ce contexte particulier.

Mots-clés: romans acadiens; conditions de production; romans de France Daigle; romans de Jean Babineau; identité acadienne.

1 – O romance na Acádia desde 1980: inventário

De 1980 a 2007, foram publicados aproximadamente 115 romances acadianos, o que representa uma produção muito apreciável, mas não excepcional para uma população de 300.000 pessoas. Isso corresponde, com efeito, à média de quatro romances por ano, cifra que pode parecer modesta, mas que é possível colocar em perspectiva se compararmos a população acadiana com aquela das regiões administrativas do leste do Quebec, tais como o Saguenay-Lac-Saint-Jean (280.000 habitantes) ou o Baixo São Lourenço-Gaspésie (300.000 habitantes). Naturalmente, se compararmos a Acádia com a Islândia, país com apenas 280.000 habitantes, mas onde a criação literária é administrada por práticas de leitura sem equivalente na América do Norte, se poderia constatar a distância insuperável entre as duas produções romanescas.

A comparação com o Quebec, onde o romance é mais institucionalizado e em vias de normalização, revela-se também muito esclarecedora. Com uma população francófona vinte

vezes superior à população francófona das províncias Marítimas, o Quebec produziu desde 1980 perto de 7000 romances, o que significa, em média, 250 romances por ano. Guardadas todas as proporções, essa cifra é três vezes maior do que na Acádia, mas isso se explica por vários fatores: densidade da população nas regiões habitadas, grau de institucionalização da literatura, componentes ligados ao sistema de ensino superior, perfil diferente das práticas de leitura, etc.

Desde 1980, a produção do romance acadiano é testemunha de uma sensível evolução. Durante os anos 1980, publicaram-se 32 romances, assim divididos: dois romances em 1980, três em 1981, dois em 1982, cinco em 1983, cinco em 1984, três em 1985, três em 1986, dois em 1987, quatro em 1988 e três em 1989. Mesmo que os Algarismos não sejam verdadeiramente significativos, há uma aceleração na primeira metade da década, seguida de certa retração, mas com um pico em 1988. Os anos 1990 parecem marcar o apogeu do romance na Acádia, com um total de 47 publicados: três em 1990, sete em 1991, três em 1992, cinco em 1993, três em 1994, cinco em 1995, sete em 1996, quatro em 1997, cinco em 1998 e cinco em 1999. Os anos 1993, 1995 e 1996 são bastante profícuos, embora seguidos de um ligeiro decréscimo nos últimos anos da década. Mesmo que ainda não se tenha o recuo para julgar objetivamente, os anos 2000 parecem marcados por uma crise ligada ao fechamento das *Éditions d'Acadie* e ao vazio editorial que se seguiu, mas também por certa retomada da produção, provocada pela entrada em cena das *Éditions de la Francophonie* e pelo maior espaço ocupado pelas *Éditions de la Grande Marée*. Cinco romances foram publicados em 2000, quatro em 2001, quatro em 2002, mas onze em 2003, cinco em 2004, três em 2005, dois em 2006 e dois em 2007. Em todo o período assiste-se então à aceleração progressiva da produção, com um pico pela metade dos anos 1990, seguido de uma planura no curso dos doze últimos anos, se excetuarmos 2003 e 2004, que correspondem a um movimento de recuperação e, depois, a um declínio da produção em 2005, 2006 e 2007.

Se nos ativermos agora aos principais autores, poderemos notar que quatro escritores vão e voltam alegremente à frente da

relação: Antonine Maillet (onze romances), France Daigle (dez romances), Jacques Savoie e Claude Lebouthillier (ambos sete romances). Seguem autores que publicaram de três a cinco romances, cuja atividade, por isso, pode ser caracterizada por certa tenacidade: Jean Babineau, Jeanne Ducluzeau, Gérard Étienne, Laurier Melanson, Camilien Roy, Réjean Roy, Camille Soucy (três romances cada), Martine L. Jacquot, Jacques P. Ouellet (quatro romances cada), Louis Haché e Edmond L. Landry (cinco cada). Dez autores assinaram, por sua vez, dois romances: Anne Albert-Lévesque, Germaine Comeau, Gracia Couturier, Évelyne Foex, Jacques A. Frigault, Melvin Gallant, Jeannine Landry-Thériault, Ulysse Landry, André Ouellon e Charles Pelletier. Todos os outros romancistas acadianos, em número de 19, publicaram um único romance durante o período estudado. Assim, colocados à parte, os raros autores que conseguem viver de sua pena (Maillet, Savoie, e Daigle em certa medida), ou que persistem em escrever romances, muitas vezes em condições difíceis, têm na escritura romanesca uma atividade que parece episódica. É também preciso notar que o romance na Acádia, na prática e para todos os fins, é ocupação de pessoas de mais de quarenta anos; os jovens romancistas, à parte Camilien Roy e Nathalie Archambault, brilham pela ausência. Coloca-se assim, de maneira bem aguda, o problema da renovação do romance acadiano.

Uma análise mais qualitativa permite detectar certas tendências que caracterizam a produção romanesca na Acádia. Primeiramente convém notar a importância ocupada pelo romance histórico, o que pode ser explicado pela onipresença do código histórico e historiográfico na consciência coletiva da região, depois do trauma da deportação e de suas múltiplas tentativas de reconstituição ou representação. É interessante observar que é menos o episódio da deportação que reteve a atenção dos romancistas do que os anos de 1920 a 1960, mais familiares e que parecem interessar os escritores. Nessa perspectiva, o código literário que mais traz o germen da reprodução é o da narrativa de vida, gênero muito popular na Acádia, que se transpõe muito facilmente ao romance. É assim que, à margem dos romances históricos propriamente ditos,

consagrados à Acádia das origens ou do século XIX (romances de Jeanne Ducluzeau, Germaine Comeau, Edmond L. Landry, René LeBlanc, Claude Lebouthillier e Paul Surette), comprime-se uma multidão de romances consagrados à primeira metade do século XX, época que se constitui em idade de ouro imaginária do romance acadiano. São representativos dessa tendência os romances de Régis Brun, Louis Haché, Jeannine Landry-Thériault, Antonine Maillet, Laurier Melanson e Jacques P. Ouellet. Na outra extremidade do espectro situa-se um conjunto muito importante de romances que abstraem o código histórico, cuja ação se desenrola na época contemporânea. É o caso dos romances de Gracia Couturier, Evelyne Foex, Melvin Gallant, Ulysse Landry, Martin Pître, Camilien Roy, Monique Roy, Jacques Savoie e Christiane Saint-Pierre. Vários se ligam à pesquisa e à experimentação, a exemplo de Nathalie Archambault, Jean Babineau ou France Daigle. Um último conjunto é formado por romances que foram publicados seja regionalmente por pequenas editoras, seja por editoras da francofonia, que preencheram o vazio deixado pelo fechamento das Edições da Acádia. Difíceis de classificar, esses romances de segunda e terceira ordem, carregam títulos tão prometedores quanto *Les malheurs de Caroline* [As infelicidades de Caroline], de Alvina Bérubé Soucy, *Perdue dans Boston* [Perdida em Boston], de Monique C. Rainville, *Crépuscule de l'amour* [Crepúsculo do amor], *Le cri d'une poussière* [O grito de uma poeira] e *Périr par le sexe* [Sofrer pelo sexo], de Réjean Roy, ou *La veuve vierge* [A viúva virgem] e *Les ravages de l'inceste* [As destruições do incesto], de Camille Soucy. Para terminar, convém mencionar os poucos romances publicados na Acádia por autores que vivem na periferia das províncias marítimas, tais como Nathalie Archambault, Réal-Gabriel Bujold, Françoise Enguerard ou Sylvain Rivière.

Para recapitular, pode-se dizer que a produção romanesca desde 1980, sem ocupar uma posição marginal no campo literário acadiano, sempre permanece a reboque dos outros gêneros literários, principalmente da poesia, que goza de prestígio considerável, com autores tais como Herménégilde

Chiasson, Gérald Leblanc, Guy Arsenault, Rose Després, Dyane Léger, Raymond-Guy LeBlanc ou Serge Patrice Thibodeau, mas igualmente do teatro, capaz de alcançar um público mais vasto, e também da narrativa de vida, conforme testemunha com eloquência a abundância dessa produção.

2 – Inventário dos obstáculos estruturais e conjunturais

Debrucemo-nos agora sobre os obstáculos estruturais e conjunturais que se erguem por intermédio do romance acadiano. Alguns desses obstáculos são fáceis de identificar. Primeiramente, a fraqueza demográfica do povo, que conta apenas 300.000 pessoas. Em segundo lugar, a posição marginal reservada às obras literárias acadianas nos manuais escolares do Novo Brunswick, onde está reagrupada a maioria da população francófona das províncias marítimas. Contrariamente ao Quebec, onde a venda de romances quebequenses é encorajada pelos programas de literatura nos *cégeps*¹, os autores acadianos não podem contar com um leitorado extenso, que se renova de ano a ano. A literatura acadiana só é realmente ensinada nas universidades, para grupos bastante restritos de estudantes, na ausência de um tronco comum que poderia favorecer, desde o primeiro ano da universidade, o acesso à literatura acadiana. Compreender-se-á que esses obstáculos de natureza demográfica e institucional não encorajam as práticas de leitura, em meio onde o analfabetismo permanece um fenômeno ainda muito propagado e onde as práticas culturais, que se limitam às vezes à sua mais simples expressão, ocupam lugar em contexto dominado pela cultura anglo-americana.

O romance na Acádia é também entravado pela posição, de certa forma descentralizada, que ocupa no seio da própria literatura acadiana. Para muitos, a poesia ainda é o gênero literário por excelência: de um lado, em virtude de sua profunda exigência

¹ N. da T. *Cégep*, iniciais de *Collège d'enseignement général et professionnel*, instituição pós-secundária, exclusiva da província do Quebec, no Canadá.

estética e identitária, e também porque a poesia constitui uma prática social, de caráter religioso, com a importância que sempre lhe é atribuída no meio dos escritores acadianos, notadamente em Moncton. Em *Les littératures de l'exiguïté*, François Paré insiste sobre a sacralização do poeta nos meios minoritários francófonos do Canadá, onde “a escritura poética permite exceder por algum tempo as fronteiras da identidade coletiva” e “nos convoca, enquanto minoritários, à experiência de uma linguagem revalorizada, reinvestida pela experiência esclarecedora da marginalidade” (Paré, 1992: 103). Criado e recebido na solidão, o romance acadiano não pode aspirar a essa função religiosa atribuída à poesia. Além disso, a prática do gênero romanesco supõe domínio prévio de seus códigos, com frequência limitativos, contrariamente à poesia, que parece permitir maior liberdade nesse aspecto, ao menos na aparência.

De outro lado, o romance acadiano sempre sofre com o problema de legitimidade em relação ao romance estrangeiro, principalmente francês e estadunidense. Como não é suficientemente abordado nas escolas, o romance permanece desconhecido entre muitos de nossos estudantes, que muitas vezes tendem a associá-lo à expressão de uma realidade folclórica ou passadista. Os romances de Antonine Maillet, sobretudo se não os lemos por inteiro, tornam-se então o contramodelo por excelência. É assim que, a despeito de seus esforços, o romance acadiano encontra-se trágico pelo movimento que conduz à interiorização profunda, do sujeito dominado, do olhar do outro sobre si. Naturalmente, numerosos são aqueles que conseguem escapar aos processos de interiorização, mas ele continua, apesar disso, a entrar o desenvolvimento da escritura romanesca na Acádia.

Conforme mencionei na introdução, a crise do romance acadiano contemporâneo se inscreve também em uma crise mais abrangente do romance, da literatura e da cultura em geral. Embora as práticas culturais permaneçam extremamente vivas e fecundas na Acádia, a literatura e o romance, em particular, não ocupam mais nessas práticas o lugar privilegiado de outrora, assim como não mais canalizam tanto as energias criativas, que encontram outros lugares para se manifestar, tais como a

música, a performance artística ou o espetáculo teatral. O romance acadiano atual encontra-se como que condenado entre a exigência extrema dos romances de France Daigle e a aproximação que caracteriza o trabalho de numerosos romancistas, sobretudo na região. De um lado, o romance acadiano tende a se especializar ao extremo, enquanto de outro, tende a se generalizar, banalizar ou normalizar. Por exemplo, certos romances, entre eles os de Claude LeBouthillier ou de Edmond L. Landry, mesmo que sempre se inscrevendo em um texto que se pode qualificar de nacional, distinguem-se por estabelecer alguns procedimentos estéticos que procedem de uma concepção mais normalizada da literatura. Exemplo disso, em sua exploração da realidade acadiana, são os dois autores citados que se inspiram nas receitas experimentadas, as quais caracterizam o romance histórico e o romance de antecipação ou de ficção científica. Isso dá lugar ao estabelecimento de formas híbridas interessantes de observar. Um romance humorístico como *Catastrophe(s)*, de Rino Morin Rossignol, parece-me representativo dessa tendência normalizadora. Ao mesmo tempo, a função identitária do romance acadiano tende a se marginalizar, a se diluir em um conjunto de códigos que relegam essa função ao segundo plano. Se a tendência se mantém, como diria Bernard Derome, logo não será mais possível falar do romance acadiano, mas unicamente do romance na Acádia, o que, se compreenderá, não seria mais, em absoluto, a mesma coisa. Dito isto, o romance acadiano sem dúvida não proferiu sua última palavra, como o testemunham de maneira eloquente as obras de France Daigle e Jean Babineau.

3 – Os romances de France Daigle e Jean Babineau

A ação dos romances de France Daigle e Jean Babineau se desenrola ao todo ou em parte nas cidades limítrofes de Moncton e Dieppe, que formam ao mesmo tempo o contexto não da Acádia completa, mas sim de uma certa Acádia contemporânea, a do sudoeste do Novo-Brunswick. Essa Acádia aparece de saída

como uma sociedade urbana e camponesa ao mesmo tempo, um mundo atravessado pelas forças da modernidade, onde os laços familiares e comunitários permaneceram, entretanto, muito fortes. Essa divisão entre modernidade e tradição dá lugar ao estabelecimento de todo um cortejo de figuras que traduzem a relação particular com o espaço e com o tempo, e, em consequência, com o território (um território bem real, uma vez que assentado na cidade, portanto evanescente); e à memória (uma memória ao mesmo tempo onipresente e ausente). Como veremos, essa natureza problemática do território e da memória remete efetivamente a interrogações fundamentais a respeito da identidade acadiana de hoje.

Nos romances recentes de France Daigle, as principais figuras espaço-temporais são aquelas da agorafobia (o medo de se encontrar perdido no espaço), da erosão da memória coletiva (que traduz por sua vez a angústia de errar em um tempo sem referências), e da casa a construir ou a reconstruir (que propõe saída a uma ou outra dessas duas situações). Essas três figuras estão onipresentes em *Pas pire* [Não pior] (1998) e *Petites difficultés d'existence* [Pequenas dificuldades da existência] (2002). Em *Pas pire*, por exemplo, a narradora France Daigle sofre de agorafobia e está angustiada pela simples ideia de afastar-se de Dieppe e Moncton. A situação fica mais séria quando ela deve se apresentar em Paris para participar do *Bouillon de culture*, o programa de televisão animado por Bernard Pivot, para justamente falar de seu romance *Pas pire*. O fato de afastar-se do espaço familiar é assim percebido como perigo, o que, aliás, parece sugerir a existência de uma relação problemática entre a Acádia e o alhures, e mais fundamentalmente entre o centro e a periferia:

O projeto consistia então em escrever um livro que tratasse muito larga e livremente sobre o tema do espaço: espaço físico, espaço mental e as formas que temos de nele nos movimentar. [...] Essas duas dimensões, uma interior, a outra exterior, conferem ao espaço uma extensão duplamente incomensurável. Em uma dimensão como na outra, há dilatação em direção ao infinito e dificuldade de localizar um centro (Daigle, 1998: 45).

A Acádia de France Daigle lembra a meditação de Pascal sobre o tema do espaço, a dilatação em direção ao infinito e a dificuldade de localizar um centro. É certo que a Acádia encarna em Moncton, e sobretudo em Dieppe, o lugar da infância e das origens, mas trata-se de um território em movimento, lançado em lenta deriva, refratário a toda forma de fixidez, como bem ilustra a imagem do caracol:

O retrato do conjunto levará muito tempo para emergir. De onde a simbologia do caracol, que avança lentamente, carregando sua casa sobre as costas, símbolo do movimento na permanência, símbolo também da viagem do peregrino em direção a um centro interior (Daigle, 1998: 45).

Essa imagem do caracol sugere uma marcante síntese do enraizamento no lugar territorial e da errância no espaço diaspórico. Símbolo de uma viagem imóvel, efetivamente o caracol parece exprimir uma Acádia que transcende a distinção entre o território e a diáspora. O paradoxo do caracol parece assentar a questão da identidade acadiana em uma dinâmica infinitamente frágil, o que sugere mais adiante outra imagem central do romance, a dos deltas fluviais que escarnecem

os modos de troca tradicionais entre cursos de água doce e salgada, ridicularizando a interpenetração inextricável da terra e das águas, indo até mesmo ao ponto de divertir-se a espalhar sobre o mundo uma nova camada de ambiguidade (Daigle, 1998: 10-11).

A natureza particular desse território compósito influencia as figuras temporais presentes no romance. France Daigle se entrega assim, em *Pas pire*, a uma releitura de certa forma irônica do grande mito das origens acadianas, bem como da utopia relativa ao advento de uma Moncton (re)afrancesada. Da mesma forma que sua concepção do espaço questiona o conceito de território, o olhar que lança sobre a instrumentalização do passado e da memória da Acádia traduz a vontade de subverter esse uso. Lembremos que, em *Pas pire*, a família Irving, do alto de sua infinita mansidão, escolhe revitalizar o rio Petitcodiac:

O enorme sucesso popular da duna de Bouctouche encorajou os Irving a continuarem a organizar e recriar o mundo ao seu redor. Seu olhar voltou-se naturalmente em direção a Moncton, onde a simples responsabilidade por uma equipe de hóquei não conseguia satisfazê-lo. Um desafio importante não tardou a apresentar-se: recuperar o valor do tristemente célebre rio Petitcodiac (Daigle, 1998: 77).

Alarga-se, em consequência, o leito do rio; instalam-se nele “corretores de derivação ultrassensíveis” (Daigle, 1998: 77) para guiar eletronicamente os navios e organiza-se “um sistema de localização eletrônico das correntes” (78) que permite navegar no famoso *Coude* [cotovelo] do rio. Beneficiando-se dos últimos avanços tecnológicos, constrói-se mesmo um gigantesco dique para “bem fazer compreender aos próprios visitantes e aos acadianos a engenhosidade dessas eclusas outrora edificadas para proteger as terras contra as fortes enchentes do rio” (78). O confisco da memória coletiva pelo capitalismo triunfante corresponde também à erosão inelutável dessa memória, como exprime sem querer Terry Thibodeau, jovem operador de navios empregado pelos Irving, que deve se resignar a aprender os rudimentos da história do Petitcodiac, como o nome dos antigos colonos acadianos estabelecidos sobre as duas margens do rio, o que não deixa de impressionar sua namorada Carmen, que a ele pergunta candidamente: “Sabes tudo isso de cor?”. E Terry responde: “Precisava, para meu *job*” (Daigle, 1998: 111).

Para esses jovens acadianos urbanos de identidade frágil, fluida e móvel, que são aliviados do peso de uma consciência territorial clara, cujo modo de vida pode muito bem abstrair todo contato memorial com a Acádia histórica, a única alternativa será renovar um antigo entreposto para dele fazer um imóvel de apartamentos combinado com centro cultural e artístico, como France Daigle conta em *Petites difficultés d'existence* [Pequenas dificuldades da existência], romance que coloca como protagonista a personagem Zed, jovem *chiac*² de

² N. da T.: *Chiac* é uma mistura de inglês e francês falada por parcela dos acadianos e, por extensão, termo que os designa. Vide “A construção das representações lingüísticas na Acádia”, de Annette Boudreau, nesta edição.

Moncton. Aliás, é Zed quem tem a ideia de levar seus amigos Terry e Carmen, bem como o homem de negócios acadiano Lionel Arseneault, nessa aventura que traduz a vontade muito clara de se fixar em um lugar, não para tomar posse do território, mas com o simples objetivo de ocupar um espaço vacante, como o próprio Zed explica a Lionel Arseneault:

No começo foram os artistas que tiveram a ideia de viver naqueles lugares. Eram construções abandonadas, o que fazia com que as conseguissem por quase nada. Muitas vezes mesmo contra a lei. Ocupavam o lugar, para dizer a verdade. Tinham necessidade de lugar para fazer suas pinturas e mesmo outras coisas. Isso começou em Berlin, depois Nova Iorque. Mas a ideia vem verdadeiramente de Paris, artistas que viviam com vestimentas do século passado (Daigle, 2002: 33).³

A tentação é grande de ver nessa aventura a metáfora da história dos acadianos que voltaram a instalar-se nas províncias marítimas depois da Deportação, mas a importância maior é a de apreender a originalidade intrínseca do projeto, que consiste em transpor o território para uma nova dimensão, a da arte e da comunidade. O *brainstorming* ao qual se dedicam os amigos de Zed é, além disso, revelador da dificuldade de nomear esse novo território; hesita-se entre Loftstore, julgado por demais inglês, Warehouse, “pronunciado *ouaraousse*”, Loftige, julgado por demais sofisticado, etc. (Daigle, 2002: 85-86).

No fundo, é a expressão “Loft in Space”, proposta por um conhecido de Zed, que se imporia melhor, se o quebra-cabeça fosse em inglês. Pois é bem disso que se trata: estamos perdidos no espaço, mas no interior de outro espaço abrigado, o que nos remete à metáfora do caracol, que conduz, por sua vez, ao oráculo do Yi King, que Terry consulta ao longo do romance:

³ Tradução livre. No original a citação está em francês popular: “Au commencement, c’était les artistes qui avont eu l’idée de vivre dans ces places-là. C’était des bâtisses abandonnées, ça fait qu’y’aviont ça pour presque rien. Souvent c’était même contre la loi. Y *squattiont*, pour dire le vrai. Y’aviont besoin de place pour faire leurs peintures pis d’autres affaires de même. C’a commencé à Berlin, pis après ça c’est venu à New York. Ben l’idée vient vraiment de Paris, des artistes qui vivent dans les attiques au siècle passé”.

13. *O reagrupamento. O mecanismo está bem azeitado, a engrenagem é silenciosa. Um projeto de envergadura une as pessoas, cria harmonia. É preciso conceber novas estruturas sociais que tenham por eixo o equilíbrio e a finalidade. Uma força criativa avança em direção ao centro. [...] Os dois traços móveis conduzem ao hexagrama 56: o viajante – ainda! A viagem, a vida no exílio ou ao exterior das normas sociais habituais são na realidade uma busca, uma procura de combustível que permite prosseguir sua existência. A identidade não está mais ligada a um lugar de residência, mas a um apelo ao qual é preciso responder* (Daigle, 2002: 74-75).

Essa identidade ligada simultaneamente à movência e à fixidez encontra-se também expressa no “Loft in Space”, em outra passagem do romance, quando Zed mostra a Terry o velho entreposto da rua Church: “Antes que eles começassem a trabalhar, Zed fez Terry fazer a volta do edifício. Os dois jovens não falavam muito: o lugar falava por si só. No fim, eles só se mantinham em pé no meio do espaço” (Daigle, 2002: 55).

Um último elemento a considerar em *Petites difficultés d’existence* é a relação íntima que existe entre a cidade de Moncton e o velho entreposto em vias de ser renovado. Da mesma forma que France Daigle parece sugerir um ultrapassar da clivagem entre a Acádia do território e a Acádia da genealogia, seu romance coloca em relevo o tecido urbano e convivial de Moncton, com seus cafés, suas salas de bilhar, seu centro cultural Aberdeen, etc. É assim que Moncton enquanto espaço literário se normaliza, escapando de uma só vez à urbe dos únicos poetas, para se tornar um lugar plenamente habitado. Essa situação aparece claramente em uma discussão de café no momento em que Terry conta que ouviu uma cantora quebequense (no caso, Mara Tremblay) falar de Moncton na TV5: “Bem, ela não disse Moncton na Acádia, ou Moncton no Novo Brunswick nem nada assim. Como se todo mundo soubesse onde está Moncton [...] Como se fôssemos uma grande cidade ou um lugar *right* conhecido” (Daigle, 2002: 137). Essa autonomia de Moncton aparece carregada de sentido no debate que opõe os partidários da Acádia territorial àqueles da Acádia histórica, no sentido de fazer intervir uma nova variável na equação identitária acadiana. Não se trata mais da

Moncton fantasmática dos padres nacionalistas que denuncia Michel Roy em *L'Acadie perdue*, mas da Moncton concreta, que existe plenamente em si. O que é certo, nas *Petites difficultés d'existence*, é que France Daigle propõe, em termos que encobrem o pensamento, outra maneira de considerar a identidade acadiana. É assim que o grande artista Étienne Zablonki e sua mulher Ludmilla decidem instalar-se por certo tempo em Moncton (Monque-Tonne, como eles dizem), em um dos *lofts* do velho entreposto, o que lhes dá a ocasião de sondar a identidade acadiana: “– Há lapsos neste país, não achas? – Lapsos? – Sim, lapsos. Como esquecimentos... ou escorregadelas, ao mesmo tempo no espaço e no tempo” (Daigle, 2002: 157).

A situação é um pouco diferente nos romances de Jean Babineau. Quer seja em *Gîte* (1998) ou em *Vortex* (2003), o autor propõe uma leitura da identidade acadiana atual ao mesmo tempo mais sombria e mais fragmentada do que a de France Daigle. Insisto, sobretudo, a respeito de duas figuras espaciais e temporais apresentadas em *Gîte* e em *Vortex*: o labirinto e o turbilhão. Essas duas figuras tendem a exprimir tanto a impossibilidade de uma Acádia do território quanto a ilusão de uma Acádia genealógica. “Nossa cidade é sempre nossa casa” escreve, aliás, Jean Babineau (1998: 22), nas primeiras páginas de *Gîte*, traduzindo literalmente a palavra *maison* [casa] do inglês *home*. Deveríamos falar antes aqui de *gîte* [pousada]. *Gîte*, informa o *Petit Robert*, é “lugar de alojamento, onde se pode dormir”. Pousada então não é, propriamente falando, casa: uma casa se pode plenamente habitar, dela tomar posse, no espaço e no tempo, enquanto uma pousada sempre será lugar de passagem, refúgio submetido às circunstâncias, abrigo temporário e contingente. Uma pousada, informa o romance de Jean Babineau, talvez seja a única forma de habitar esse país evanescente que é a Acádia, esse país que não existe, que não existe mais, que provavelmente jamais existiu, senão na linguagem, na memória e no imaginário, na ideia que dele fizemos ao longo de uma representação coletiva pacientemente

construída.

Gîte conta, de forma rompida, fragmentada, descontínua, a história de Henri Melanson, um acadiano que volta a se instalar no país natal ao cabo de longo exílio em Toronto. Esse movimento de volta, que estrutura o essencial do romance, se desenvolve no âmbito da realização, em Moncton, do primeiro congresso mundial acadiano, acontecimento que desencadeia toda uma reflexão a respeito da busca das raízes, das origens, em um mundo pós-moderno caracterizado justamente pela perda das referências e das figuras de identificação coletiva.

O romance inicia com uma visão ensolarada da infância na cidadezinha de Cap-Pelé, com suas praias, suas dunas e seus flibusteiros, onde se defuma o arenque. Mas a ação logo se desloca em direção à grande cidade de Toronto, primeira figuração no romance do motivo do labirinto, manifestado notadamente na reflexão a respeito da língua, que constitui, aliás, uma das maiores características da escrita de Jean Babineau. O inglês será assim o primeiro minotauro ao qual será confrontado Henri Melanson: “Empurrado pelo inglês na cabeça, nas orelhas, o inglês que sempre surpreende no interior do ser, do sendo. O inglês no fundo de si mesmo. O inglês em todos os estados (que são os seus), em todos os lugares e atividades” (Babineau, 1998: 19). A imagem da cidade grande (multicultural, certamente, mas acima de tudo inglesa) engendra assim uma meditação a respeito do labirinto e da figura do minotauro, e define ao mesmo tempo uma rede intertextual onde figurarão *Dans le labyrinthe* [No labirinto], de Robbe-Grillet, *Labyrinthes*, [Labirintos] de Borges, *Le labyrinthe de la solitude* [O labirinto da solidão], de Octavio Paz, bem como uma frase extraída de *L'utilité du beau* [A utilidade do belo], de Victor Hugo: “Um fio de fogo, misterioso guia, serpenteia em todos os labirintos” (Babineau, 1998: 27).

Para escapar ao labirinto de Toronto, Henri Melanson volta então à Acádia, no momento em que se prepara o primeiro congresso mundial acadiano. Mas esse movimento de volta não se faz sem dor. A personagem é logo confrontada à dura realidade da Acádia, não apenas ao marasmo econômico e ao desemprego endêmico que a afligem e que evocam o Terceiro

Mundo (“Aqui, não é o *dust bowl*, mas o *shit bowl* do futuro” Babineau, 1998: 39), mas também ao movimento de folclorização da Acádia:

E quando se chega em Bas-Cap-Pelé e se segue a longa curva que costeia o cabo, percebe-se a panóplia interminável de bandeiras, de gaiolas de lagostas, peixe-galo, pescadores indolentes, etc. Fica-se surpreso. Acredita-se que não sobre mais ninguém vivo. Jamais se poderia conceber que o clã atingira tais proporções. Que nosso pequeno meio tenha-se transformado em um museu. Azul, branco, vermelho, amarelo. Com toda essa confusão do congresso mundial acadiano, quase se esquece de observar as numerosas peixarias da esquina: Aboiteaux Fisheries Ltd., Amco Fisheries Ltd., Beausejour Seafoods Inc., Duguay Bros. Produce Ltd., Gaudet & Melanson Ltd., Melanson & Ouellette Fish Processors, Fish Factory, Adrice Richard Ltd., Fish Products, Vautour Alfred and Sun Produce, Westmoreland Fisheries Ltd., etc.” (Babineau, 1998: 35).

Até mesmo o Frolic se desenvolve sob a supervisão de guardas de segurança ingleses, em espaço cercado que lembra um campo de concentração! A Acádia do território torna-se assim, por sua vez, um labirinto, notadamente nas referências ao minotauro (acadiano, como cumpre) e ao rei Minos, cuja primeira e última letra, o “m” e o “s”, vão encontrar eco no nome do personagem de Melanson e no de origem de seus ancestrais, Melanson Settlement, bem como na expressão *mental sickness* [doença mental], que parece caracterizar, pouco ou muito, nosso personagem (desde *Le contentieux de l’Acadie* [O contencioso da Acádia], Jacques Ferron não afirmava, de maneira sarcástica, que a Moncton da época era o lugar ideal para abrigar um congresso sobre o “retardamento mental”?).

O tema do labirinto se encontra assim transposto para o da busca das raízes familiares, atividade de predileção para numerosos acadianos, sobretudo aqueles da diáspora (a genealogia sendo definida no romance como o “o brio dos povos deportados”, Babineau, 1998: 55) –, atividade aliás, que mobiliza parte importante dos recursos do Centro de Estudos Acadianos da Universidade de Moncton. É lá, no labirinto da Biblioteca

Champlain, que logo errará nosso minotauro, “a desenterrar dos arquivos crônicas do passado, assim como a flunar periodicamente nos corredores entre as prateleiras de livros que parecem querer estabelecer uma barreira contra a temporalidade da vida” (Babineau, 1998: 54). A genealogia torna-se assim o labirinto por excelência, aquele onde se arrisca a enterrar-se definitivamente entre os mortos e as sombras do passado, em um movimento circular que já anuncia o turbilhão de *Vortex*:

Domingo último estivemos em Melanson Settlement para o encontro dos Melanson. Lá, cantamos o hino dos Melanson: Eu melansono / Tu te melansonas / Ele/Ela se melansona / Nós nos melansonamos / Vós vos melansonais / Eles se melansonam (Babineau, 1998: 36).

Em *Vortex*, a imagem do labirinto se oculta para dar lugar à do turbilhão, da espiral aspirante, encarnação dessa América anglo-saxã que ameaça tudo engolir: o sujeito, sua cidade, sua cultura, e logo seu universo. É claro que esse vórtice que dá título ao romance é apenas um novo avatar do labirinto, mas em certo sentido aparece ao mesmo tempo mais dinâmico e positivo do que ele. A imagem do turbilhão é uma imagem estruturante, que determina pedaços inteiros da configuração do conjunto de *Vortex*, o que ilustra, entre outros, a americanidade particular do romance. É interessante constatar, por exemplo, que o turbilhão que aspira fatalmente André Boudreau em direção aos Estados Unidos o conduz finalmente em direção ao México, quer dizer, em direção a um novo espaço de eleição, em direção a um novo possível lateral, que vem como romper o confinamento geográfico da Acádia a uma América do Norte essencialmente anglo-saxã. Aliás, conforme está explicado no romance, o México é um país que pelos seus contornos geográficos tem ele próprio a forma de um turbilhão, que desemboca na América Latina inteira. Em si, o México que percorre André Boudreau constitui, assim, a promessa de poder escapar da América estadunidense, sem que a personagem renegue por isso sua americanidade, uma vez que esta se encontra recolocada em um contexto muito mais amplo e globalizante.

Eis o que constitui, a meu ver, a grande novidade do romance de Jean Babineau: propor nova geografia imaginária do território acadiano, ligando-o à realidade que lhe é simultaneamente estrangeira e familiar – a dos maias da península do Yucatán. As próprias personagens de André e Micheline, cujos traços físicos as aparentam aos ameríndios, descobrem uma filiação simbólica que lhes permite escapar ao que seria de outra forma talvez seu destino estadunidense, figurado no romance pelos dois irmãos de André que habitam no Massachussets, quer dizer, no coração do vórtice, em uma espécie de grau zero da cultura, em um espaço caracterizado pela derrelição. Ao contrário, o México parece sinônimo de vitalidade e de autenticidade. É o lugar da revelação, quer dizer, o exato oposto do lugar dos simulacros que é a América estadunidense. É, aliás, por isso que as pirâmides maias são apresentadas no romance como vórtices invertidos.

Conforme se vê, a americanidade do romance de Jean Babineau revela-se bastante particular, quando se mostra severamente crítica com relação à realidade estadunidense, figurada pela Wallco, a grande loja que emprega André Boudreau (“Boodrow”) no início do romance. André “Boodrow” consegue, aliás, escapar da Wallco abrindo sua própria loja no Main, para assim voltar a ser André Boudreau. Além disso, o edifício que ocupa sua loja tem a forma de um barco, como se a realidade marítima fosse, ela também, sinônimo de alforria e de liberdade. Ora, é no momento de sua segunda permanência na Isla de las Mujeres, no México, que André observará que os pequenos barcos dos pescadores da ilha fazem-no pensar nos barcos de pescadores de Bouctouche, quando era jovem. Mais uma vez, a correspondência entre a Acádia e o México é sugerida, de sorte que se poderia falar, no que diz respeito a *Vortex*, de transamericanidade, na afirmação de um eixo norte-sul que faz a abstração dos Estados Unidos. Esse país, aliás, é figurado por uma perua mítica, de aparência “dourada, ao ponto, bela”, com o Eldorado “no recheio”, mas também com os autóctones que “vão embora levando com eles tudo o que podem” e com “o acadiano que morre no papo da perua”.

Os romances de France Daigle e Jean Babineau

contribuem assim para restituir toda a problemática da identidade e do território em um terreno não mais de natureza sociológica e política, mas simbólica e estética. A análise de seus romances permite justamente apreender como se opera esse deslocamento, à luz do estudo de algumas figuras do espaço e do tempo que tendem a exprimir a evolução recente de certa identidade acadiana que se desenrola na margem dos conceitos tradicionais de pertença territorial e de pertença genealógica. Os textos literários estão, dessa forma, em condições de modificar certos parâmetros, e não simplesmente os refletir. Em absoluto sem aderir à realidade acadiana, a expressão de certa Acádia nos romances de France Daigle e de Jean Babineau contribui para transformar a consciência identitária acadiana, fazendo notadamente intervir representações originais da alteridade que modificam sensivelmente a dialética do território e da diáspora. Conforme escreveu François Paré, “os escritores desempenham sempre um papel crucial em tal formulação da identidade a partir das representações da alteridade. E é normal, uma vez que a escritura é ao mesmo tempo distância e proximidade” (Paré, 2003: 64). Essa distância e essa proximidade são, aliás, características importantes da escritura de Daigle e Babineau, uma escritura que só ataca vivamente o meio que descreve (Moncton, a Acádia) para melhor levantar vôo.

Referências

- BABINEAU, Jean. *Gîte*. Moncton: Perce-Neige, 1998.
- BABINEAU, Jean. *Vortex*. Moncton: Perce-Neige, 2003.
- DAIGLE, France. *Pas pire*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1998.
- DAIGLE, France. *Petites difficultés d'existence*. Montréal: Boréal, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles; CHASLES, Sébastien. *Les temps hypermodernes*. Paris: Grasset, 2004.
- PARÉ, François. *Les littératures de l'exiguïté*. Hearst: Le Nordir, 1992.
- PARÉ, François. *La distance habitée*. Ottawa: Le Nordir, 2003.

Bibliografia dos romances acadianos: 1980-2007

- ALBERT-LÉVESQUE, Anne. *Du haut des terres*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1988.
- ALBERT-LÉVESQUE, Anne. *Les jongleries*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1980.
- ARCHAMBAULT, Nathalie. *L'île de lumière*. Moncton: Éditions d'Acadie, 2000.
- BABINEAU, Jean. *Bloupe*. Moncton: Perce-Neige, 1993.
- BABINEAU, Jean. *Gîte*. Moncton: Perce-Neige, 1998.
- BABINEAU, Jean. *Vortex*. Moncton: Perce-Neige, 2003.
- BASQUE, Jean-Paul. *La flamme de mes épinettes*. Tracadie: l'Auteur, 1991.
- BEAULIEU, Lison. *Un thé avec Nathan*. Moncton: Perce-Neige, 2006.
- BÉRUBÉ SOUCY, Alvina. *Les malheurs de Caroline*. Saint-Basile: Lavigne, 1990.
- BONENFANT, Sylvie Caron. *Quelque part dans les Alpes*. Saint-Basile: Lavigne, 1991.
- BRUN, Régis. *Cap-Lumière*. Moncton: Michel Henry, 1986.
- BUJOLD, Réal-Gabriel. *Le Bouddha de Percé*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1994.
- COMEAU, Germaine. *L'été aux puits secs*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1983.
- COMEAU, Germaine. *Loin de la France*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1997.
- COUTURIER, Gracia. *L'antichambre*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1997.
- COUTURIER, Gracia. *Je regardais Rebecca*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1999.
- DAIGLE, France. *Sans jamais parler du vent: roman de crainte et d'espoir que la mort arrive à temps*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1983.
- DAIGLE, France. *Film d'amour et de dépendance: chef-d'œuvre obscur*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1984.

- DAIGLE, France. *Histoire de la maison qui brûle*: vaguement suivi d'un dernier regard sur la maison qui brûle. Moncton: Éditions d'Acadie, 1985.
- DAIGLE, France. *Variations en B et K*: plans, devis et contrat pour l'infrastructure d'un pont. Montréal: NBJ, 1985.
- DAIGLE, France. *La beauté de l'affaire*: fiction autobiographique à plusieurs voix sur son rapport tortueux au langage. Moncton: Éditions d'Acadie; Outremont: NBJ, 1991.
- DAIGLE, France. *La vraie vie*. Montréal: L'Hexagone, 1993.
- DAIGLE, France. *1953*: chronique d'une naissance annoncée. Moncton: Éditions d'Acadie, 1995.
- DAIGLE, France. *Pas pire*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1998.
- DAIGLE, France. *Un fin passage*. Montréal: Boréal, 2001.
- DAIGLE, France. *Petites difficultés d'existence*. Montréal: Boréal, 2002.
- DUCLUZEAU, Jeanne. *Anne d'Acadie*: roman historique. Moncton: Éditions d'Acadie, 1984.
- DUCLUZEAU, Jeanne. *Au service du roi*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1996.
- DUCLUZEAU, Jeanne. *Le chemin des Huit-Maisons*: roman historique. Moncton: Éditions d'Acadie, 1987.
- DUGAS, Annie. *Le destin de Jeanne d'Aulnay en Acadie*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2004.
- ENGUEHARD, Françoise. *Les litanies de l'Île-aux-Chiens*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1999.
- ÉTIENNE, Gérard. *Une femme muette*. Montréal: Nouvelle Optique, 1983.
- ÉTIENNE, Gérard. *La Reine Soleil levée*: récit. Montréal: Guérin Littérature, 1987.
- ÉTIENNE, Gérard. *La pacotille*. Montréal: l'Hexagone, 1991.
- FOËX, Évelyne. *Voyages sans retour – parfois*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1994.
- FOËX, Évelyne. *Quelques saisons avec elles*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2004.
- FRIGAULT, Jacques A. *Le goulag acadien*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2003.

- FRIGAULT, Jacques A. *L'Acadie étoilée*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2004.
- GALLANT, Melvin. *Le chant des grenouilles*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1982.
- GALLANT, Melvin. *Le complexe d'Évangéline*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2001.
- GERVAIS, Marielle. *Mémoires d'Éllée*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2003.
- HACHÉ, Louis. *Toubes jersiaises*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1980.
- HACHÉ, Louis. *Un cortège d'anguilles*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1985.
- HACHÉ, Louis. *La Tracadienne*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1996.
- HACHÉ, Louis. *Le desservant de Charnissey*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2001.
- HACHÉ, Louis. *La maîtresse d'école*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2003.
- JACQUOT, Martine L. *Les terres douces*. Edmundston: Éditions Quatre Saisons, 1988.
- JACQUOT, Martine L. *Les glycines*. Ottawa: Éditions du Vermillon, 1996.
- JACQUOT, Martine L. *Masques*. Longueuil: Humanitas, 2003.
- JACQUOT, Martine L. *Au gré du vent*. [s. l.]: [s. n.], 2005.
- LANDRY THÉRIAULT, Jeannine. *Un soleil mauve sur la baie*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1981.
- LANDRY THÉRIAULT, Jeannine. *Le moustiquaire*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1983.
- LANDRY, Edmond-L. *Alexis. Roman historique*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1992.
- LANDRY, Edmond L. *La dernière bataille*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2000.
- LANDRY, Edmond L. *La Charlotte des battures*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2002.
- LANDRY, Edmond L. *Tombés du ciel*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2003.
- LANDRY, Edmond-L. *Les cahiers de Rachel*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2004.

- LANDRY, Ulysse. *Sacrée montagne de fou*. Moncton: Perce-Neige, 1996.
- LANDRY, Ulysse. *La danse sauvage*. Moncton: Perce-Neige, 2000.
- LEBLANC, Gérald. *Moncton Mantra*. Moncton: Perce-Neige, 1997.
- LEBLANC, René. *Derrière les embruns*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1999.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *C'est pour quand le paradis...* Moncton: Éditions d'Acadie, 1984.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Le feu du mauvais temps*. Montréal: Québec/Amérique, 1989.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Les marées du Grand Dérangement*. Montréal: Québec/Amérique, 1994.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Le borgo de l'écumeuse*. Montréal: XYZ, 1998.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Babel ressuscitée*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2002.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Complices du silence?* Montréal: XYZ, 2004.
- LEBOUTHILLIER, Claude. *Karma et coups de foudre*. Montréal: XYZ, 2007.
- LÉTOURNEAU, Lorraine. *D'amours et d'aventures*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1996.
- MAILLET, Antonine. *Cent ans dans les bois*. Montréal: Leméac, 1981.
- MAILLET, Antonine. *Crache à pic*. Montréal: Leméac, 1984.
- MAILLET, Antonine. *Le huitième jour*. Montréal: Leméac, 1986.
- MAILLET, Antonine. *L'Oursiade*. Montréal: Leméac, 1990.
- MAILLET, Antonine. *Les confessions de Jeanne de Valois*. Montréal: Leméac, 1992.
- MAILLET, Antonine. *Le chemin Saint-Jacques*. Montréal: Leméac, 1996.
- MAILLET, Antonine. *Chronique d'une sorcière de vent*. Montréal: Leméac, 1999.
- MAILLET, Antonine. *Madame Perfecta*. Montréal: Leméac, 2001.
- MAILLET, Antonine. *La gribouille*. Paris: Grasset, 2002.
- MAILLET, Antonie. *Le temps me dure*. Montréal: Leméac, 2003.

- MAILLET, Antonine. *Pierre Bleu*. Montréal: Leméac, 2006.
- MELANSON, Laurier. *Zélica à Cochon Vert*. Montréal: Leméac, 1981.
- MELANSON, Laurier. *Otto de la veuve Hortense*. Montréal: Leméac, 1982.
- MELANSON, Laurier. *Aglaé*. Montréal: Leméac, 1983.
- OUELLET, Jacques P. *Ippon*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 1993.
- OUELLET, Jacques P. *La promesse*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 1996.
- OUELLET, Jacques P. *La revanche du Pékan*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2000.
- OUELLET, Jacques P. *Des violettes en août*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2005.
- OUELLON, André. *Le vol de l'albatros*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2000.
- OUELLON, André. *Miguel Massarui*. Tracadie-Sheila: La Grande Marée, 2003.
- PELLETIER, Charles. *Oasis: itinéraire de Paris à Bombay*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1993.
- PELLETIER, Charles. *Étoile filante*. Moncton: Perce-Neige, 2003.
- PÎTRE, Martin. *L'ennemi que je connais*. Moncton: Perce-Neige, 1995.
- RAINVILLE, Simone. *Madeleine ou la Rivière au printemps*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1995.
- RINGUETTE, Monique C. *Perdue dans Boston*. Saint-Basile: Lavigne, 1991.
- RIVIÈRE, Sylvain. *La belle embarquée: roman historique*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1992.
- ROSSIGNOL, Rino Morin. *Catastrophe(s): un conte virtuel*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1998.
- ROY, Camilien. *La première pluie*. Moncton: Perce-Neige, 1999.
- ROY, Camilien. *La fille du photographe*. Moncton: Éditions de la Francophonie, 2005.
- ROY, Camilien. *L'art de refuser un roman*. Montréal: Stanké, 2007.
- Roy, Monique. *Requiem pour Galatée*. Moncton: Éditions de la

- Francophonie, 2003.
- ROY, Réjean. *Crépuscule de l'amour*. Bathurst: l'Auteur, 1988.
- ROY, Réjean. *Le cri d'une poussière*. Edmundston: Quatre Saisons, 1989.
- ROY, Réjean. *Périr par le sexe*. Saint-Basile: Quatre Saisons, 1990.
- SAINT-PIERRE, Christiane. *Absente pour la journée*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1989.
- SAVOIE, Jacques. *Les portes tournantes*. Montréal: Boréal Express, 1984.
- SAVOIE, Jacques. *Le récif du prince*. Montréal: Boréal, 1986.
- SAVOIE, Jacques. *Une histoire de cœur*. Montréal: Boréal, 1988.
- SAVOIE, Jacques. *Le cirque bleu*. Montréal: La Courte Échelle, 1995.
- SAVOIE, Jacques. *Les ruelles de Caresso*. Montréal: La Courte Échelle, 1997.
- SAVOIE, Jacques. *Un train de glace*. Montréal: La Courte Échelle, 1998.
- SAVOIE, Jacques. *Les soupes célestes*. Saint-Laurent: Fides, 2005.
- SOUKY, Camille. *La veuve vierge: roman adulte*. Saint-Basile: Lavigne, 1991.
- SOUKY, Camille. *Les ravages de l'inceste*. Saint-Basile: Lavigne, 1993.
- SOUKY, Camille. *Mireille*. Saint-Basile: Lavigne, 1995.
- SURETTE, Paul. *Mésagouèche: l'évasion d'un peuple*. Roman-drame. Memramcook: La Société Historique de Memramcook, 1991.

